

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



## POR UMA DIRECÇÃO ÚNICA NO MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

**A**pós o dia 8 de Junho uma onda de indignação e protesto populares estendeu-se de norte a sul do país.

A grosseira falsificação das eleições e a acção repressiva do governo, assim como a intenção manifestada por Salazar e Santos Costa de continuarem a impôr à nação os velhos métodos de governo, são a causa da indignação popular.

As poderosas acções de massas encabeçadas pela classe operária em greves, paralizações de trabalho e demonstrações de rua de dezenas de milhar de operários e camponeses mostraram a disposição e as possibilidades de ampliar a luta anti-salazarista na nova situação criada depois das eleições presidenciais.

O povo quer uma mudança de regime e quer fazê-lo sem violências nem guerra civil. As grandes lutas populares que neste momento se desenvolvem por todo o país são novos e grandes passos para uma solução imediata e pacífica do problema político nacional.

Salazar e Santos Costa, prendendo e assassinando pacíficos patriotas, desencadeando acções terroristas contra o povo, querem mais uma vez sufocar pela violência a vontade nacional e comprometer uma tal saída.

Porém, esta imensa força pacífica que se movimenta decididamente contra o regime pode paralisar os intentos terroristas de Salazar e Santos Costa, pode pôr um dique à violência fascista e obrigar a camarilha governante a curvar-se ante a vontade da nação.

Essa vontade é clara. De todos os sectores de opinião política que se opõem ao regime, de todas as camadas da população, desde a classe operária à burguesia nacional, sobe um clamor exigindo uma rápida mudança na situação política actual.

Este clamor nacional, que encontra eco na própria imprensa controlada pela censura, e mesmo em certos meios civis e militares ainda ligados ao regime, significa que o governo fascista não pode já impôr ao país os seus métodos tradicionais de governo.

E porque é hoje impossível ao governo de Salazar governar como até aqui?

### A situação alterou-se.

### Abriu-se uma nova etapa na vida nacional.

Ao governo é impossível continuar a impôr os seus velhos métodos de governação porque a luta popular atingiu proporções jamais alcançadas. Durante a campanha eleitoral, milhões de portugueses de todas as camadas sociais, manifestaram-se vibrantemente nas ruas, em comícios e das mais variadas formas, em apoio das candidaturas de oposição.

No decurso da luta eleitoral forjou-se um poderoso movimento de unidade que deslocou novas camadas para o campo das forças anti-salazaristas e acentuou ainda mais a favor destas a alteração da correlação de forças.

As acções comuns das duas can-

didaturas de oposição e a sua ligação ao povo, permitiram a formação de um único e vasto bloco eleitoral que abriu às massas a perspectiva de uma vitória no dia 8 de Junho.

As eleições presidenciais foram uma verdadeira demonstração nacional pela modificação do regime por formas pacíficas.

Ao conhecer os resultados eleitorais apresentados pelos salazaristas, o povo sentiu-se burlado. As greves políticas e os movimentos populares de protesto posteriores, exprimem a indignação e revolta que lavram por todo o país.

Apesar da falsificação dos resultados pelo governo, que apresentou como derrota a insofismável vitória do candidato da oposição, o salazarismo ficou mais isolado da nação, safu enfraquecido da campanha eleitoral e mostra-se incapaz de se recompor dos desaires sofridos.

Todos os portugueses sentem hoje que a camarilha de Salazar e Santos Costa é uma minoria isolada da nação e, por isso mesmo, condenada a desaparecer.

### O regime salazarista desintegra-se

Não há apenas factores de ordem política no enfraquecimento do regime salazarista. Na raiz do isolamento progressivo da camarilha governante estão também causas económicas profundas.

O marasmo económico em que o governo lançou o país, como consequência do domínio dos monopólios, de despesas militares incontroláveis e duma orientação desastrosa do comércio externo, provoca uma agudização espantosa das condições de vida das classes laboriosas, a ruína das classes médias e um ambiente de mal-estar em todo o país. Sectores bem diversos da população sentem cada vez mais fortemente a necessidade duma mudança imediata na direcção da política e da economia da nação.

Assim a contradição que opõe o governo à imensa maioria do povo agrava-se sem cessar. Mas a grandeza e combatividade do movimento oposicionista, o largo apoio prestado aos seus candidatos por pessoas de todas as classes sociais, tiveram funda repercussão nas próprias fileiras salazaristas, apressaram a decomposição política do regime e agravaram extraordinariamente as suas próprias contradições internas.

Numerosos elementos patriotas das forças armadas recusaram-se a cumprir certas ordens repressivas do governo no decorrer da campanha eleitoral, muitos resistiram passivamente a certas ordens, motivo por que alguns foram já presos, demitidos ou se demitiram das suas funções. Muitos filiados na «União Nacional» e na «Legião» desertaram ou foram expulsos das suas fileiras por manifestarem abertamente discordâncias com a actuação de Salazar e Santos Costa.

No seio do próprio governo agravam-se os choques e as discordâncias entre os ministros, enfraquecendo a posição dominante de Salazar entre eles. Surgiram também choques entre o General Cavairo

**A** onda de protestos populares contra a falsificação dos resultados da eleição de 8 de Junho continua a alastrar por todo o país.

Milhares de operários e camponeses do Porto, Ribatejo e Alentejo, lançaram-se em novas greves, paralizações de trabalho e manifestações de rua para impedir que a burla eleitoral seja definitivamente imposta

ao país pela camarilha de Salazar e Santos Costa.

### Em Montemor correu mais uma vez o sangue dos trabalhadores

No dia 23 de Junho mais de 200 trabalhadores paralizaram o trabalho e dirigiram-se pacificamente à Câmara para exporem ao presidente, o agrário fascista José Vacas, o seu protesto contra a falsificação das eleições e reclamarem a elevação dos salários.

O fascista Vacas, recusou-se a recebê-los e mandou chamar a GNR e a PIDE que entraram a espancar brutalmente os camponeses. Vieram ainda mais reforços da GNR de Évora e o seu comandante, capitão Caldeira, mandou metralhar selvaticamente o povo, tombando morto sob as balas assassinas o trabalhador José Adelino dos Santos e ficando feridos muitos outros.

Então, a indignação popular manifestou-se contra os criminosos da GNR. As próprias mulheres se lançaram contra eles enfrentando as armas e respondendo com tudo o que veio à mão. Novos reforços e novas rajadas da GNR obrigaram os valentes montemorenses a recuar. Mais 150 foram presos e 40 vieram para as prisões da PIDE.

Todo o povo de Montemor protestou contra este crime. O comércio encerrou as suas portas. A vila está de luto. O «Avante!» presta sentida homenagem às vítimas dos criminosos fascistas, em especial à memória de José Adelino dos Santos que soube morrer como um herói ao serviço do povo e louva o espírito de luta dos valentes montemorenses. O sangue dos trabalhadores não correrá em vão. Os fascistas responderão pelos seus crimes.

### Outras greves e manifestações compositas

Em BALEIZÃO, mais de 2.000 pessoas (operários agrícolas, sapatiteiros, barbeiros e alguns tractoristas e manageiros) estiveram em greve no dia 16. À tarde uma manifestação

Lopes, presidente da República, e Salazar e Santos Costa.

Em muitos serviços do Estado o funcionalismo manifesta abertamente o seu descontentamento e toma posição contra o governo, dificultando assim a acção deste.

O último discurso de Salazar é um reflexo das crescentes dificuldades do regime, da sua falta de poder de manobra, do seu isolamento da grande massa do povo português. Por isso mesmo, as declarações de Salazar não puderam satisfazer nem criar ilusões em nenhum sector importante da população, só encontraram aceitação na grande burguesia monopolista e nos fascistas mais facciosos.

Não foi por acaso que Salazar, «modestamente», se comparou com Cristo (renegado por alguns dos seus discípulos antes de crucificado) e que aludiu às dificuldades que o seu governo vai encontrar nos próximos meses, ao mesmo tempo que se viu forçado, pela primeira vez, a colocar a possibilidade da sua saída do governo. É que neste momento está em causa todo o sistema político por ele engendrado, que se lhe apresenta com um futuro negro e sem perspectivas.

Assim as contradições que minam internamente o salazarismo são outro importante factor de enfraquecimento do regime e favorecem uma rápida vitória das forças anti-salazaristas, se estas souberem lutar unidas.

(continua na 2.ª pág.)

### PRIMEIRAS NOTÍCIAS DA

## JORNADA NACIONAL DE PROTESTO

**A**lém das valentes acções dos trabalhadores da cidade e do campo que já uniram e mobilizaram mais de 30 mil portugueses, outras formas de acção, capazes de alargar esta a todas as camadas têm sido divulgadas e levadas à prática.

Por meio de pequenos documentos e targetes, por carta, por telefone ou de viva voz, por todas as formas rapidamente se espalhou a ideia de não comprar jornais, não ir a espectáculos, não utilizar transportes e por tudo durante os dias 1, 2 e 3 de Julho. Eram novas formas para evidenciar a indignação contra a burla eleitoral, a repressão, e a política de Salazar e Santos Costa.

As primeiras informações colhidas em Lisboa dizem-nos que tais protestos encontraram grande eco na população. De todas as empresas de onde já fomos notícias nos indicam que a esmagadora maioria e até a totalidade do pessoal apareceu de luto. Muitos operários que nunca vão de gravata para o trabalho, como por exemplo os portuários, apareceram desta vez engravata-dos e de luto. Os funcionários públicos passaram a usar uma gravata no emprego e outra, a preta, logo que saíram. A gravata preta e outras formas de expressar o luto surgiram de repente em toda a Lisboa. Por isso uma peixeira dizia no dia 1 de manhã, em comentários: *At que morreu tanta gente esta noite!*

Os jornais sofreram uma importante quebra nas vendas. No Rossio, de manhã, não se viam os jornais a correr para um e outro lado mas sim encostados às paredes, em grupos, com os jornais dentro das sacolas e muitos nem sequer os apregoavam. A porta das empresas ninguém comprava jornais e um ou outro que aparecia já com o jornal era logo apupado e depressa se via sem ele.

Era interessante de ver, no dia 1, pouco antes das 8 horas a Av. 24 de Julho, a R. D. Luis, etc., cheias de operários que vinham do país para o trabalho e os carros eléctricos, ao lado, vazios. Pela Av. Almirante Reis e R. da Palma, já perto das 9 horas uma massa de gente seguia igualmente a pé. E apesar de Carris ter reduzido os seus trans-

portes, muitos e muitos se viam sem ninguém. Não tendo as longas distâncias muita gente, operários e engenheiros, estudantes e jovens aprendizes, moças e pessoas idosas, caminharam a pé para os seus lares, de Benfica para o Povo do Bispo, do Arieiro para Junqueira, do Lumiar para o Baixo, etc.

O espectáculo mais importante do dia 1 era, sem dúvida, o festival no Estádio de Alvalade. Com preços módicos e um cartaz eficiente que tentava utilizar a larga popularidade da grande artista Amália Rodrigues, procuraram os salazaristas quebrar a boicotagem dos espectáculos. A certa altura, porém, tiveram de vender os bilhetes abaixo do preço marcado e por fim distribuíram-nos de graça pelos organismos corporativos. Apesar disso o Estádio esteve só meio de gente.

Estas primeiras informações e o que sabemos de acções já anteriores de boicotes aos jornais e à lotaria, em particular no Norte, mostram a grande aceitação destas novas formas de protesto.

A boicotagem aos jornais continuará, sem dúvida, em especial em relação aos que se mostram mais reacçãoários. Tal acção constitui um importante protesto contra a censura. Por outro lado muita gente deseja continuar a usar o luto e a não frequentar os espectáculos.

A não compra de lotaria está igualmente a causar graves preocupações aos responsáveis dela e provocou até a baixa de preço. Não será a nova modalidade de prémios, nem as providências repressivas contra as rifas nem a grande campanha de propaganda lançada recentemente que impedirão a continuação deste protesto popular.

Estas acções simples que têm importância nacional por mobilizarem (e por isso unirem) centenas de milhares de portugueses são bem prova duma indignação popular, do isolamento cada vez maior da clique do governo.

ALARGUEMOS E FORTALEÇAMOS TAIS ACCOES — ELAS ESCLARECEM, UNEM E PROVAM A RESISTENCIA POPULAR A POLITICA DE SALAZAR E SANTOS COSTA.

